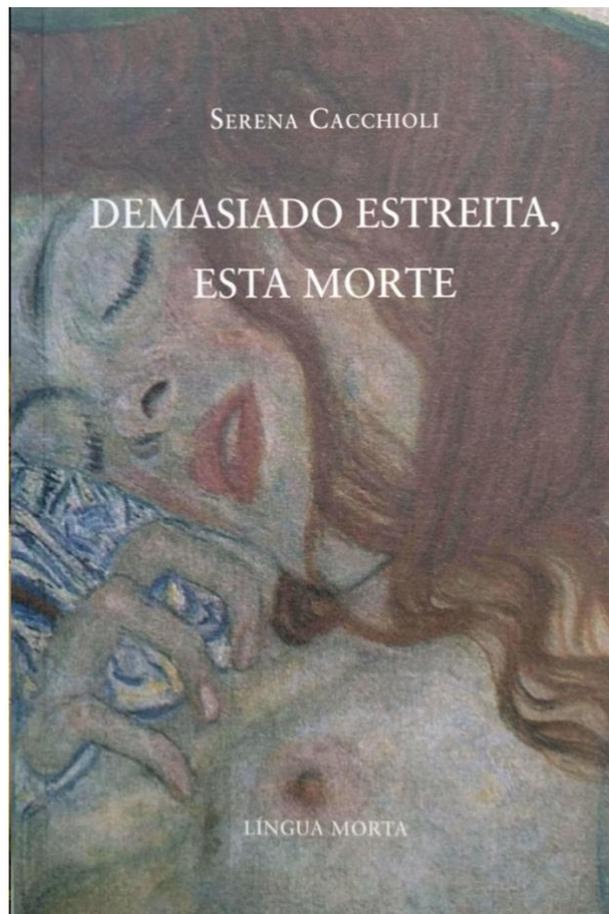


COMPENDIUM

Journal of Comparative Studies
Revista de Estudos Comparatistas

Entrevista com Serena Cacchioli (autora) & Sofia Andrade (tradutora), por Marta Pacheco Pinto



Demasiado estreita, esta morte é o título da obra de estreia, em português, de Serena Cacchioli, italiana residente em Portugal, doutorada, desde 2017, em Estudos de Tradução e tradutora de texto literário, tanto do italiano para português como do português para italiano. Publicada em 2023 pela Língua Morta, a obra de estreia apresenta-se sob a forma de prosa poética, e é uma tradução pela mão de Sofia Andrade, portuguesa que vive entre Portugal e Itália. Em Portugal, está a concluir o doutoramento em Estudos Portugueses e Românicos; em Itália, lecciona a língua de Camões. Em Portugal e em Itália vai acumulando experiência como tradutora literária de italiano para português. *Demasiado estreita, esta morte* é, portanto, uma tradução, mas de um original italiano que não existe em circulação e que aparentemente não tem nome (o paratexto da edição portuguesa é minimalista, não dando conta do título italiano do livro em devir). De cariz autobiográfico, *Demasiado estreita, esta morte* é um livro de confissões íntimas sobre como lidar com a dor da perda da mãe que partiu cedo demais e sobre outros lutos próprios da vida humana. Está organizado em 109 breves textos, que se oferecem ao leitor quer como mini-arquivos de memórias, quer como materialização de um desejo de memórias que não podem existir. É também este um livro de memórias de uma tradutora, que apenas no texto 108 se confessa abertamente como tal: “Porque faço este trabalho de tradutora, porque trabalho num arquivo. [...] E depois traduzir, transportar palavras de uma voz a outra. Falar em duas línguas diferentes e mudar constantemente a ordem sintáctica do pensamento” (153). É esta tradução aparentemente sem original que se discute nesta conversa com a autora e a tradutora de *Demasiado estreita, esta morte*.

A entrevista que a seguir se reproduz foi feita por via electrónica e, no final, houve uma conversa a três para leitura, revisão e aditamento das respostas.

Marta Pacheco Pinto: As primeiras perguntas que se colocam são porquê uma tradução sem original e porquê uma tradução alógrafa. Se, como confessas em *Demasiado estreita, esta morte*, estás “na soleira entre Itália e Portugal, entre uma língua e outra, a pensar usando ambas, a filtrar o indizível através do dizível” (153), porque não autotraduziste este livro para português?

Serena Cacchioli: Não foi propriamente uma escolha. Eu escrevi o livro por uma espécie de necessidade interior, inicialmente sem pensar numa publicação imediata. É claro que aninhado dentro da escrita existe sempre o desejo de sermos lidos e compreendidos, mas este era um livro que eu precisava de escrever só para mim e demorei muitos anos a concebê-lo. Quando acabei de escrevê-lo, fiz uma edição de autora, em italiano, de 50 exemplares para oferecer aos amigos com quem queria partilhar essa história. Tive pena de não a poder partilhar com os amigos portugueses, mas teria sido emocionalmente impossível e insustentável voltar ao princípio e percorrer tudo para traduzir. Uma parte de mim considerava acabada essa viagem e não tinha nenhuma disponibilidade para voltar atrás e recomeçá-la noutra língua. Outra parte também me dizia que não existia em mim uma linguagem correspondente em português àquela que usei no livro. Teria sido incapaz de devolver o mesmo tom, o mesmo andamento. É uma língua muito específica, muitas vezes ligada à infância, ligada a expressões familiares, a trocadilhos, uma língua por vezes

arcaica para mim, algo que não saberia transpor. O livro fala de experiências que eu nunca vivi em português.

MPP: O que, no manuscrito, impeliu a Sofia à tradução? Estamos a falar de um conjunto de textos que se assemelham a páginas de um diário. Embora não datadas, e sem seguirem uma ordenação lógica óbvia, essas páginas não foram escritas a pensar em tradução nem em eventual publicação.

Sofia Andrade: A ideia de traduzir o texto da Serena nasceu da vontade de partilhar o que escrevera com os amigos portugueses que não conhecem a língua italiana. Estávamos longe de pensar que a tradução seria publicada. Aliás, eu comecei a traduzir e só depois de umas vinte páginas traduzidas é que o disse à Serena. Quanto à forma, ou seja, ao conjunto diarístico de textos, na verdade não li o livro assim, porque acompanhei, como amiga, a procura da memória da mãe. Os textos são, para mim, episódios de uma narração contínua e isso influenciou o trabalho de tradução, na medida em que não os considerei unidades fechadas ou fragmentárias.

MPP: Uma relação de amizade une a autora e a tradutora de *Demasiado estreita, esta morte*. Essa amizade cresceu em Portugal, mas em Itália outra relação a antecedeu, nomeadamente a relação entre mestre de língua (portuguesa) e pupila. Suponho, Sofia, que tenhas feito parte dos “mundos e imaginários” (82) que a Serena descobriu quando chegou à Faculdade de Letras da Universidade de Pisa. Ao traduzires os textos íntimos da Serena, sentiste os papéis inverterem-se? Sentiste-te a pupila que, na tradução, segue a palavra da mestre?

SA: Sim, sempre. Quando a Serena foi minha aluna, em 2009, ela já era uma cidadã plena desses “mundos e imaginários”. Encontrámo-nos no fim desse seu percurso e quando eu estava a iniciar o meu, não só como docente, mas também como falante de língua italiana. Só convivemos na sala de aula durante um ano. Além de a Serena ter sido importante na minha aprendizagem da sua língua, o seu percurso nos Estudos de Tradução e a sua experiência na disciplina fizeram com que eu aprendesse sempre com ela.

MPP: Dada a relação de amizade que vos une, suponho que tenha havido momentos de tradução em colaboração entre ambas. Como descreverias o processo de tradução e a partir de que momento envolvereste a autora? Que tipo de perguntas lhe fazias ou que *feedback* procuravas?

SA: Eu e a Serena sempre traduzimos uma para a outra, mas até ao *Demasiado estreita, esta morte* as nossas traduções recíprocas tinham sido de artigos científicos e não de textos ficcionais. Esta confiança mútua levou-me a consultá-la só no fim do trabalho, mas, principalmente, deixou-me espaço para tomar decisões sem a consultar. O envolvimento da Serena, apenas no fim da tradução, também se prendeu com a brevidade do livro, se fossem 400 páginas tê-la-ia convocado na página 100! Quanto à parte prática da colaboração, optei por apresentar-lhe várias hipóteses

de tradução de algum léxico, ou seja, quando tinha dúvidas sobre o significado mais apropriado de uma palavra, deixava duas ou três soluções para ela se pronunciar e escolhermos juntas. Outra decisão que tomámos as duas foi a de não traduzir algumas palavras, avaliando a sua legibilidade pelo leitor português através da nossa experiência como falantes e leitoras de ambas as línguas.

MPP: Serena, gostarias de ter tido um papel mais activo, mais interventivo na tradução? O que sentiste quando leste, pela primeira vez, as tuas palavras citadas numa língua que também sentes e usas como tua, mas que não foram escolhidas por ti?

SC: Afinal, acho que tive um papel bastante activo na tradução... reli várias vezes, assinalei e perguntei tudo o que me levantava questões. Ia também descobrindo camadas da língua portuguesa que me eram desconhecidas. Eram as minhas palavras, mas tinham outra voz. Era eu, mas sem mim. Reconhecia-me e estranhava-me ao mesmo tempo. Reparei que a Sofia usava palavras que eu nunca teria usado em português, simplesmente porque não faziam parte da minha bagagem linguística nesta língua adquirida já em idade adulta. E gostei imenso de sentir que se ouvia também a sua voz misturada com a minha, gostei de alguma centelha da sua experiência literária, de a sua vida e a sua língua se insinuarem no meu livro de forma tão elegante e perfeita. Acho que o enriqueceu bastante. A tradução é mesmo uma coautoria. Foi uma experiência muito poderosa ler-me em português, foi como assistir a outro possível desdobramento de mim.

MPP: Da minha experiência de leitura do livro, diria que ele sobressai pela sensibilidade fina, pela riqueza imagética e pelo léxico muito fértil e diversificado, para não mencionar a coragem que é preciso ter para se expor de forma tão cristalina numa obra, para mais, de estreia (em português). Houve algum trabalho conjunto de burilamento da qualidade ou bagagem linguística da obra?

SC: Houve o trabalho de revisão da tradução que foi feito em conjunto, sobretudo por *email* e por telefone. A tradutora teve uma atenção especial e finíssima na tradução da língua falada, das expressões que vêm mesmo do meu idiolecto privado ou familiar, na devolução das imagens. A escrita foi um trabalho solitário, demorei muito tempo para encontrar a forma certa para contar essa história e a tradução fez justiça a todo esse processo com grande delicadeza.

MPP: Quem escolheu o título da tradução portuguesa?

SC: O título da versão portuguesa é a tradução do título italiano *Troppo stretta questa morte* que, por sua vez, é uma citação de Elsa Morante, que vem do livro *La Storia*.

SA: O título em português é a tradução de uma citação do livro *La Storia* de Elsa Morante. Escolhemos as duas como traduzi-lo.

MPP: Reconheço na tradução pelo menos três tipos de citações: citações directas, que surgem em itálico ou entre aspas e são atribuídas a autores que adivinhamos fazerem parte do universo literário de Serena Cacchioli (como a epígrafe de Elsa Morante, o excerto de *Les charités d’Alcippe* de Marguerite Yourcenar, o poema “Semza exclamativi” de Giorgio Caproni ou a máxima extraída, suponho, d’*O odor da Índia* de Pier Paolo Pasolini), mas também há citações pretensamente directas do que se recorda ter sido dito ou ouvido e citações indirectas, umas extraídas do repertório idiomático português ou de um registo reconhecidamente familiar, outras da tradição literária portuguesa.

No caso das citações directas, para as quais não nos são dadas referências completas, nem em nota nem numa eventual lista final de referências, procuraste, Sofia, traduções existentes em português ou desde o princípio decidiste que as traduções seriam todas tuas?

SA: Inicialmente, as traduções foram minhas já que a ideia era partilhar o texto traduzido só com um círculo de amigos. Além disso, estávamos em confinamento e não tínhamos acesso à bibliografia de que necessitávamos. Quando surgiu a ideia da publicação, decidimos procurar as traduções já existentes. Usámos as disponíveis e traduzimos o que ainda não existia. A epígrafe retirada de *Aracoeli* de Elsa Morante foi traduzida por mim, porque não existe a tradução da obra.

MPP: Em alguns pontos do texto, o leitor presente encontrar ecos de autores portugueses. Por exemplo, “paisagem em volta” (27) transportou-me para Herberto; “saem aos bandos” (37) conduziu-me ao romance *A sereia* de Camilo Castelo Branco. Enfim, nós somos as leituras que fazemos e foram estas que, nestes casos, activei instintivamente. Houve uma introdução consciente, na tradução, de diálogos com a tradição literária portuguesa que não constam do original?

SA: Sim, é um uso consciente do nosso património como leitores. A ideia é mesmo essa: piscar o olho ao leitor, activar um entendimento de leituras comuns. Por outro lado, o seu aparecimento é instintivo, ou seja, não elaboro uma lista de referências às quais recorro como a um dicionário. Elas andam por ali e, quando aparecem, decido usá-las com consciência, esperando que o leitor as reconheça e sorria.

MPP: Assim, ao traduzir, apercebeste-te estar a procurar nas palavras de autores da tradição literária portuguesa soluções ou alternativas melhores às tuas? No fundo, terás feito como a narradora de *Demasiado estreita, esta morte*: “Encontrar palavras nos livros quando as minhas se extinguem” (107)?

SA: Há um eco neste texto muito especial, que levou a afastar-me da tradução de uma frase da Serena. Quando ela leu aquela passagem, chamou-me à atenção a distância que eu propunha do texto original. Ela tinha razão, naquele momento encontrei palavras nos livros, extinguindo as dela e as minhas. A frase no original “il mondo esterno mi veniva a trovare” foi traduzida como “o mundo lá fora vinha à minha procura”. O eco do título de Ruben A. – *O mundo à minha procura* – foi mais

forte, até por ser um exemplo magistral de literatura autobiográfica na tradição portuguesa. Concordámos as duas em deixar assim a frase.

MPP: O imaginário poético ou imagético do livro é, muitas vezes, entrecortado ou contrabalançado com expressões idiomáticas e expressões familiares do leitor português – por exemplo, “engalfinhados numa tristeza qualquer” (34), “terrinha natal” (51), “batido como um perdigueiro” (60), “ao tu cá, tu lá” (61), “mezinhas para tirar o mau-olhado” (69), “amigos guedelhudos” (71), “sem fados” (89), “abarrotar das tralhas” (94). Esta dimensão familiar também existe no original italiano ou houve uma recriação, moldada com base no que conheces da própria Serena?

SA: A dimensão familiar faz parte do texto original. Procurei encontrar expressões equivalentes e que, de alguma forma, pudessem ser ditas naturalmente pela Serena.

MPP: Em alguns pontos do texto, não muitos, detectam-se rimas internas. Por exemplo: “Um fluxo possante de sangue e um deleite paralisante” (52). Este tipo de rima encontra-se no original, não necessariamente nos mesmos pontos do texto, ou terá também sido recriado pela tradutora em reforço de uma prosa que é poética?

SA: Sim, a escrita da Serena tem muitas rimas internas. Acho que para ela é uma espécie de ritmo, de metrónimo. Eliminei algumas aliterações em português, principalmente a dos ditongos nasais, e tentei segui-la na sua poética.

SC: Se existem rimas internas no original não as criei conscientemente. Reparo agora que no caso citado, sim, existia a rima também em italiano.

MPP: Sofia, quais dirias terem sido os principais desafios à realização desta tradução?

SA: O desafio foi traduzir para um público amigo da Serena. Enquanto traduzia imaginava algumas dessas pessoas que liam o texto final querendo ouvir a voz dela porque a conhecem. Acho que traduzir para um público anónimo não teria mudado o texto, mas saber para quem o fazia triplicou as expectativas: as minhas, as dela e as dos amigos.

MPP: Uma última pergunta para a Sofia. O livro reúne 109 textos ao longo de 156 páginas. Não existe uma única nota de autora ou de tradutora. Qual a relação da Sofia–tradutora com a nota de rodapé e como se espelha essa relação nesta tradução?

SA: Como tradutora de ficção evito as notas de rodapé, mesmo sabendo que se perde uma interpretação imediata mais complexa. Neste texto não houve nenhum momento em que pensei que a nota de rodapé fosse relevante ou faltasse.

MPP: Três perguntas para a Serena. A leitura da tradução portuguesa fez-te desejar alterar alguma coisa no original italiano? Quem seleccionou a editora do livro em português? E haverá alguma provocação implícita na escolha desta editora, Língua Morta, para publicar um livro traduzido e escrito por uma autora que é tradutora?

SC: Não... Gosto de ter as duas versões do livro, são como dois gémeos diferentes que gostam muito um do outro, e nenhum deles quer mudar o outro. E são complementares. Como se trata de um livro que toca cordas tão íntimas, prefiro que exista publicamente só em português e não em italiano; esse filtro protege-me um pouco. Posso sempre dizer-me que as palavras ali escritas não são só minhas. É uma responsabilidade partilhada e não me sinto sozinha na exposição.

É verdade que parece uma provocação, mas a ideia de publicação aconteceu por acaso. Eu enviei o livro para um concurso literário de inéditos em português (!) e uma pessoa que colaborava com a editora reparou no livro e quis publicá-lo. Não foi propriamente uma escolha, mas devo dizer que a *Língua Morta* é uma das minhas editoras preferidas em Portugal e fiquei muito feliz com a proposta. Aliás, algumas das autoras da *Língua Morta* foram uma grande inspiração no meu período de pesquisa para encontrar a forma certa para este livro.

Marta Pacheco Pinto é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dirige o curso de licenciatura em Estudos Comparatistas. É membro do Centro de Estudos Comparatistas, no qual é responsável pela equipa de investigação MOV — *Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução* e membro do subgrupo ORION – Orientalismo Português. As suas publicações mais recentes incluem os livros coeditados *O irresistível charme da tradução... Uma antologia de histórias de tradutores* (Documenta, 2023), *Reframing Translators, Translators as Reframers* (Routledge, 2022), *Iberian and Translation Studies: Literary Contact Zones* (Liverpool University Press, 2021) e *Genetic Translation Studies: Conflict and Collaboration in Liminal Spaces* (Bloomsbury, 2021).

Serena Cacchioli nasceu em Parma, Itália, em 1986. Vive em Portugal desde 2012. É doutorada em Estudos de Tradução pelo Programa em Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é actualmente membro integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa. Além das publicações académicas, tem um livro de poesia publicado em Itália, *Contributi per lo studio della gioia e del dolore* (ExCogita, 2022). *Demasiado estreita, esta morte* é o seu primeiro livro de prosa poética publicado em Portugal. Dedicou-se à investigação em literatura, ao ensino da língua italiana, à organização de eventos culturais e à tradução literária.

Sofia Andrade vive em Itália desde 2009. Foi leitora do Instituto Camões em Pisa e docente a contrato de Literatura Portuguesa em Roma Tre. Actualmente vive em Milão e lecciona na Universidade de Génova. É colaboradora no grupo Textualidades do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, obteve a Menção Honrosa do Prémio de Ensaio Agustina Bessa-Luís 2023, com o trabalho de investigação “O fantasma inglês com a cabeça debaixo do braço: obra cronística de Agustina Bessa-Luís”. Traduziu para o italiano poesia de Manuel Gusmão (com B. Mazzoni) e para português *Uma questão privada* de Fenoglio (com A. Ragusa, Edições do Saguão, 2020) e *A arquitetrix* de M. Mazzucco (com E. Maino, Bookcover, 2023); neste momento está a traduzir o romance *Vita* da mesma autora.

© 2023 Marta Pacheco Pinto, Serena Cacchioli, Sofia Andrade

Licensed under the [Creative Commons Attribution 4.0 International \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).